

MOSTEIROS, LUGARES DE VIDA E ESPAÇO SOCIAL: SOBRE A CONSTRUÇÃO DOS COMPLEXOS MONÁSTICOS NO OCIDENTE MEDIEVAL * **

MONASTÈRES, LIEUX DE VIE ET ESPACE SOCIAL: À PROPÔS DE LA CONSTRUCTION DES COMPLEXES MONASTIQUES DANS L'OCCIDENT MÉDIÉVAL

Michel Lauwers

CEPAM, UMR 7264 (Université Nice Sophia Antipolis / CNRS)

Correspondência:

CEPAM - Pôle universitaire Saint-Jean-d'Angély 3

24 avenue des Diables Bleus - 06357 Nice Cedex 4

E-mail: michel.lauwers@unice.fr

Resumo

A contribuição proposta consiste em um ensaio de síntese sobre o desenvolvimento, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média Central, de uma topografia monástica característica de um mundo ocidental: ao recorrer aos dados monumentais, textuais e iconográficos, nos interessaremos, ao mesmo tempo, pela gênese dos complexos monásticos, pelas práticas do espaço que induziram e pelas representações ou figuras que suscitaram. As pesquisas feitas depois de décadas, notadamente no domínio da arqueologia medieval, permitem, com efeito, apreender sob um novo olhar a história dos complexos monásticos. Nesta perspectiva, nos interrogaremos igualmente sobre as práticas rituais e sociais que são distribuídas no seio do espaço monástico.

Palavras-chave: monaquismo; “comunitarização”, territorialização.

Resumé

La contribution proposée consiste en un essai de synthèse sur le développement, entre l'Antiquité tardive et le Moyen Âge central, d'une topographie monastique caractéristique du monde occidental: en recourant aux données monumentales, textuelles et iconographiques, on s'intéressera tout à la fois à la genèse des complexes monastiques, aux pratiques de l'espace qu'ils induisent et aux représentations ou figures qu'ils ont suscitées. Les recherches menées depuis deux décennies, notamment dans le domaine de l'archéologie médiévale, permettent en effet d'appréhender sous un jour nouveau l'histoire des complexes monastiques. On s'efforcera d'établir les grandes étapes de cette mise en place. Dans ces perspectives, on s'interrogera également sur les pratiques rituelles et sociales qui se sont déployées au sein de l'espace monastique..

Mots-clés: monachisme; communautarisation; territorialisation.

*Tradução de Rossana Alves Baptista Pinheiro e Cláudia Regina Bovo.

**Minha contribuição ao dossiê organizado por Cláudia Bovo e Rossana Pinheiro retoma elementos publicados sob o título “*Circuitus et figura. Exégèse, images et structuration des complexes monastiques dans l'Occident médiéval*”, no volume 15 da *Collection d'études médiévales de Nice*: LAUWERS, M. (Ed.). *Monastères et espace social. Genèse et transformation d'un système de lieux dans l'Occident médiéval*. Turnhout, 2014

Como atestam as Regras Monásticas ocidentais, um mosteiro se define por seu claustro. Chamada em várias regras de *claustra monasterii*, especialmente na Regra de São Bento (*Regula Benedicti*, c. 66 e 67), a clausura, que poderia ter formas muito diversas, mal conhecidas para períodos antigos, nem sempre materiais ao que parece, manifesta uma vontade de distanciamento do mundo profano e, portanto, uma forma de segregação social entre os “indivíduos-fora-do-mundo” (os monges) e o resto da população¹. Entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média, sob a proteção da clausura desenvolveram-se formas de coabitação que fizeram dos mosteiros lugares de vida comunitária de um gênero realmente novo em relação aos espaços sociais do mundo romano antigo. Atualmente, o exame conjunto de dados arqueológicos, sempre mais numerosos, de alguns textos que descreviam os estabelecimentos monásticos da Alta Idade Média, e de uma ou outra representação figurada, como a muito celebrada Planta de Saint-Gall, permitem a apreensão da construção desta forma singular de espaço social. Nas páginas seguintes, tentarei apresentar algumas considerações sobre uma história dos complexos monásticos entre os séculos V e XII. Primeiramente, investigarei a maneira pela qual os mosteiros constituíram lugares comunitários, caracterizados por uma topografia particular. Em seguida, estudarei o processo de territorialização que estes lugares puseram em andamento.

***Clastrum*: o mosteiro como espaço comunitário**

O planejamento dos conjuntos religiosos do início da Alta Idade Média manifesta uma grande diversidade e mesmo uma fluidez de formas e de dispositivos. Esta situação deve-se em parte ao fato dos primeiros ascetas, depois os monges, terem se instalado, frequentemente, nas cidades ou nas antigas *villae* aristocráticas, no seio de um edifício existente. Sem as luzes trazidas pela documentação textual (ou por estados arqueológicos posteriores) é provável que não conhecêssemos nada sobre os estabelecimentos monásticos dos primeiros tempos, cujos vestígios materiais não se distinguem melhor do que outras habitações contemporâneas². Podemos, inclusive, pensar que muitos dos sítios que acolheram grupos de religiosos passam despercebidos pela falta de critérios arqueológicos que lhes permitam a identificação.

A frágil visibilidade e a variedade de estruturas materiais do monaquismo antigo resultam, assim, da ausência de normas. Ainda que elas controlassem de forma rígida o *tempo* vivido pelos religiosos, ritmado notadamente pelos ofícios co-

¹Sobre a noção de “indivíduo-fora-do-mundo”, ver: DUMONT, L. *Essais sur l'individualisme. Une perspective anthropologique sur l'idéologie moderne*. Paris, 1983.

² Conclusões radicais são tiradas por K. BOWES, "Inventing Ascetic Space: Houses, Monasteries and the 'Archaeology of Monasticism' ". IN: DEY, H.; FENTRESS, E. (Ed.). *Western Monasticism « ante litteram »*. *The Spaces of Monastic Observance in Late Antiquity and the Early Middle Ages*. Turnhout, 2011, p. 315-351, segundo a qual é impossível definir arqueologicamente o primeiro monaquismo.

tidianos, as Regras Monásticas não formulavam indicações concernentes aos *lugares* da experiência ascética, senão para fazer da *stabilitas* um dos fundamentos desta experiência – é o que se deduz de avaliações sobre a clausura³.

1. Transformar em comunidade ou “Comunitarização”

As práticas de ascese e de oração nascidas na solidão dos desertos do Egito, da Síria ou da Palestina se desenvolveram, na Europa Ocidental, no seio de quadros cada vez mais comunitários, cujas primeira formas compreende-se mal, mas das quais supõe-se, às vezes, a emergência. Foi assim que em Lérins, ao longo do século V, os ascetas instalados alguns decênios antes dotaram-se de uma regra de vida comum e espalharam celas que pareciam ter sido originalmente dispersas sobre a ilha. A escavação realizada recentemente sobre o sítio de uma das capelas medievais da ilha monástica revelou estruturas tardo-antigas associadas a um oratório, que parecem se referir a uma ou mais celas anteriores ao processo de cenobitização (fig. 1a e 1b); no estado atual das pesquisas, o aparecimento de edifícios comunitários se deduz da mudança de funções, depois do abandono deste estabelecimento primitivo⁴. Sobre o sítio de Condat, no Jura, fundado em cerca de 435 pelos irmãos Romano e Lupicino, as celas de madeira das ermidas, planejadas uma ao lado da outra, foram transformadas pelo abade Oyend em uma estrutura única, destinada ao repouso do conjunto dos religiosos. Tal é, ao menos, a transformação descrita na *Vida* de Oyend, redigida por um discípulo, entre 512 e 514: “é um edifício único já reagrupado para a refeição, ele queria reuni-los assim em uma única casa”; o autor deste texto qualifica esta estrutura comum de *xenodochium* e a apresenta como uma mudança notável se comparada aos usos orientais⁵. Tal evolução é atestada pela arqueologia no sítio do mosteiro feminino de Hamage, na Gália do Norte, onde um grande edifício coletivo substituiu tardiamente (século VII) as cabanas do primeiro estabelecimento, até mesmo uma nova igreja foi construída para substituir a precedente (fig. 2a 2b)⁶.

³ Retornarei às anotações sobre a clausura na segunda parte deste artigo.

⁴ No que diz respeito à Regra, que não foi elaborada imediatamente depois da chegada dos religiosos, ver: WEISS, J-P. “Lérins et la ‘Règle des Quatre Pères’”. IN: CODOU, Y; LAUWERS, M. (dir.). *Lérins, une île sainte de l’Antiquité au Moyen Âge*. Turnhout, 2009, p. 121-140. Sobre o dossiê arqueológico, em elaboração, ver os primeiros apontamentos de Y. CODOU. “Aux origines du monachisme en Gaule (V^e-XI^e siècle): les fouilles de l’église du Saint-Sauveur, Lérins, île Saint-Honorat, Alpes-Maritimes”. *Hortus Artium Medievalium*, 19, 2013, p. 63-71.

⁵ *Iste etiam, refutato archimandritarum orientalium instari, utilius omnes uniuuit in medium. Distructis namque mansionum aediculis, uno cunctos secum xenodochio quiescere fecit, ut quos causa unitae refectiois una clauderat aedícula, discretis quoque lectulis una ambiret et mansio; cui tamen lumen olei, sicut in oratorio, indeficiens noctibus praebebatur. Iste, inquam, abba sanctus nec mensulam suam, ut quosdam facere nuper audiui, nec uictum unquam exceptauit a fratribus; omnium omnino omnia erant (Vie des Pères du Jura. MARTINE, F. (ED). *Sources Chrétiennes*, 142, Paris, 1968, p. 422-423).*

⁶ LOUIS, E. « *Sorores et fratres in Hamatico degentes. Naissance, évolution et disparition d’une abbaye au haut Moyen Âge: Hamage (France, Nord)* ». *De la Meuse à l’Ardenne*, 29 (Actes du colloque de Logne, 26 septembre 1998), p. 15-47, em particular p. 21-32.



Figura 1a –

Estrutura da Antiguidade Tardia em Lérins (Alpes Marítimos, França).

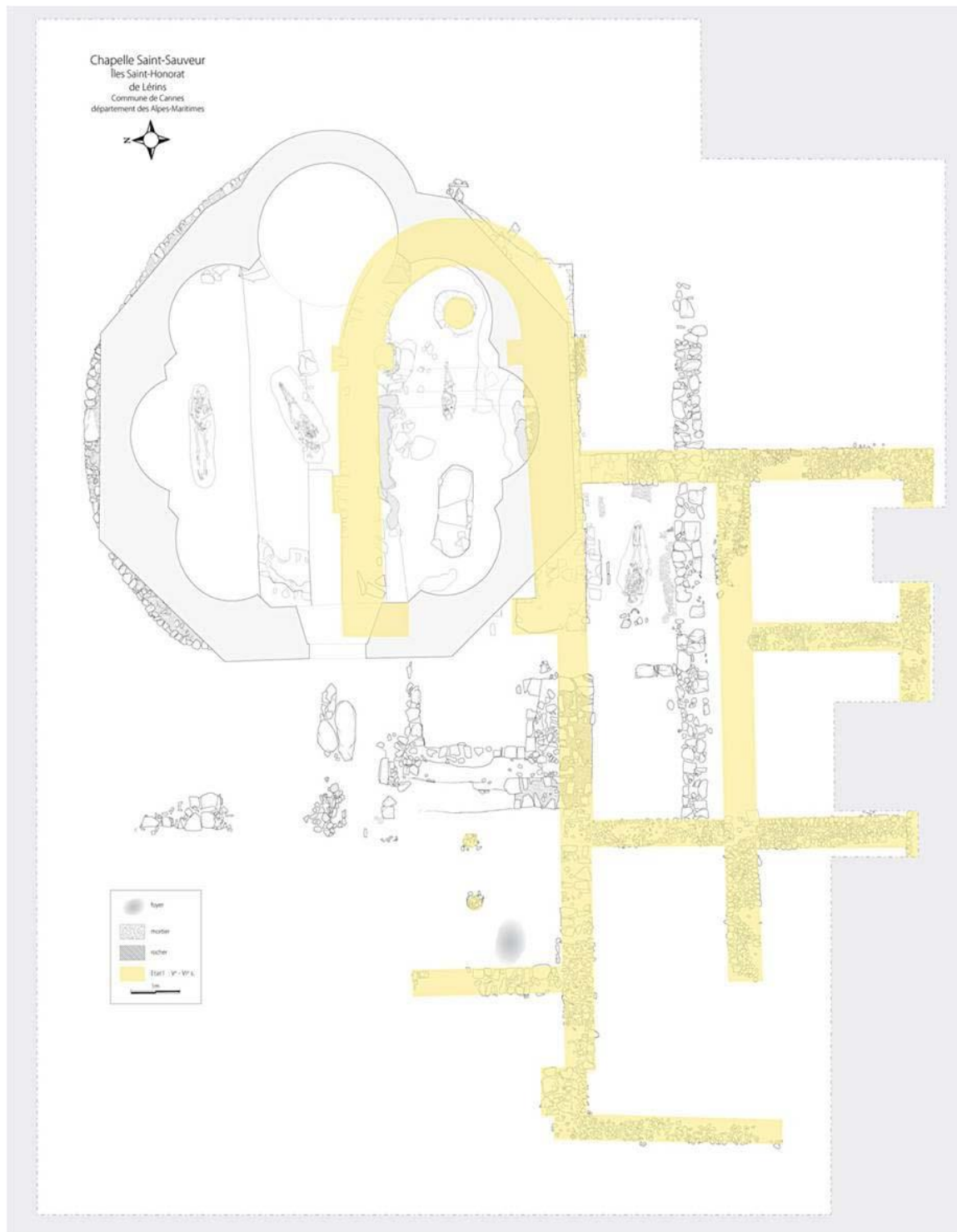


Figura 1b –

Sítio arqueológico da capela de São Salvador, inspeção de Yann Codou: os muros nivelados atestam a presença de um oratório e de várias celas monásticas.



Figura 2a –

Reconstituição de Étienne Louis do sítio monástico de Hamage (Nord-Pas-de-Calais, França), das cabanas-celas do edifício comunitário. Século VII: reconstituição do canto noroeste da clausura do mosteiro, com valas, cercas e celas.

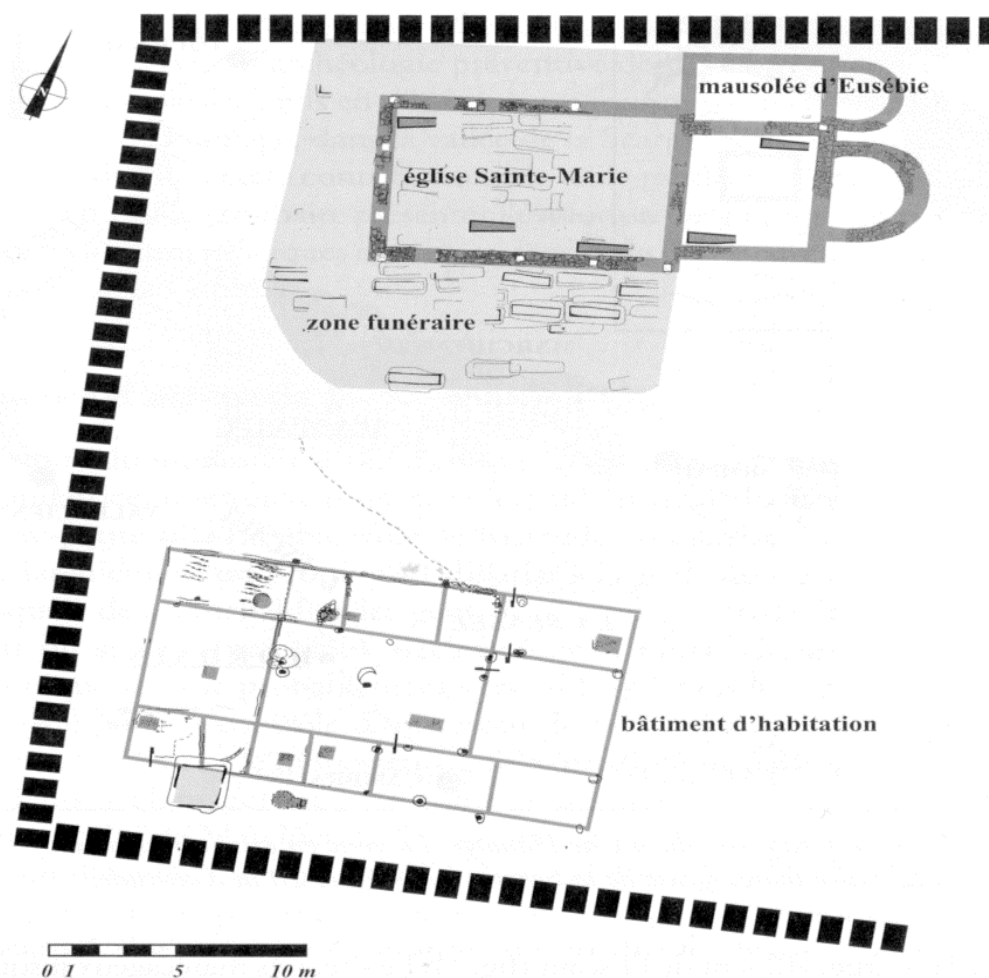


Figura 2b –

Reconstituição de Étienne Louis do sítio monástico de Hamage (Nord-Pas-de-Calais, França). Século VIII: mapa da igreja de Santa Maria, com área de sepultamento, o edifício residencial das religiosas e cercas.

É na primeira metade do século VII que, segundo documentação textual, o lugar de repouso comum dos monges recebe o nome de dormitório (*dormitorium*), ao mesmo tempo em que aparecia o termo “refeitório” (*refectorium*) para designar a sala comum onde os religiosos partilhavam a refeição⁷. Tais criações lexicais indicam uma forma de institucionalização da vida comunitária, tanto quanto o surgimento de edifícios com funções bem definidas, em substituição, talvez, às partes antes (mais) polivalentes.

Os monges oravam, comiam e dormiam juntos. A comunidade de um gênero novo que os reunia perduraria até depois de sua morte, ao se inscrever dura-

⁷ Este vocabulário aparece em algumas Regras monásticas a partir da primeira metade do século VII, ver: BONNERUE, P. *Éléments de topographie historique dans les règles monastiques occidentales*. *Studia Monastica*, 37/1, 1995, p. 57-77.

velmente no seio do espaço monástico: segundo a Regra dos monges de Isidoro de Sevilha (morto em 636), “os corpos dos irmãos devem ser enterrados em um lugar único (*uno loco*), para que um lugar único (*unus locus*) abracem na morte aquilo que a unidade da caridade reuniu em vida”⁸. Em meados do século IX, um monge de Fulda qualifica de *cimiterium* este espaço funerário destinado aos religiosos do mosteiro, ao precisar que este termo derivava de uma palavra grega, cujo equivalente latino não é outro senão *dormitorium*⁹. A igreja monástica, o refeitório, o dormitório, e o cemitério participavam, assim, de um processo de *comunitarização* que caracteriza, no Ocidente, a experiência ascética.

2. Polarização

Ao final do século VIII e século IX, a inserção dos mosteiros no seio das estruturas régias (troquei reais para régias porque reais dá também a impressão de que são reais em oposição a falso e não em relação ao que provém da realeza), depois imperiais, sob instigação de Carlos Magno, de seu filho Luís, o Piedoso e de seus conselheiros, se traduz, notadamente, pela imposição a todos os monges da Regra de São Bento (sínodos de Aix-la-Chapelle de 816-817) e pela reorganização ou pela reconstrução de grandes mosteiros que constituem, sobretudo, pontos de apoio preciosos para os dirigentes.

A organização espacial dos conjuntos monásticos desta época revela muitos dispositivos possíveis. Em numerosos complexos, os lugares de culto múltiplos se elevavam ao interior da clausura, reunidos a outros edifícios por um sistema de galerias e de corredores que organizavam os deslocamentos entre os diferentes lugares do mosteiro. É um tal dispositivo, polinuclear e suficientemente distendido, que Federico Marazzi pode colocar em evidência, ao se fundar sobre vários decênios de escavações arqueológicas, sobre o sítio de São Vicente em Volturne, estabelecido na Itália sobre a fronteira sul do Império Carolíngio (fig. 3)¹⁰. Uma estrutura análoga é atestada em *Centula/Saint-Riquier*, outro estabelecimento importante profundamente reorganizado no último decênio do século VIII, situado no coração do mundo franco. Este complexo religioso é notadamente conhecido por duas cópias modernas de uma miniatura do século XI (hoje perdida) que representava os lugares de culto do monastério carolíngio. A imagem mostra um sistema de galerias que religava os diferentes edifícios culturais e dese-

⁸ ISIDORO DE SEVILHA. *Regula monachorum*, 24. *Patrologia Latina*, 83, 894.

⁹ [...] *cum consilio et fratrum consensu ecclesiam parvam aedificavit rotundam, ubi defuncta corpora fratrum sepulturae tradita requiescunt, quam cimiterium vocant, quod Graece dicitur koimèterion, Latine vero dormitorium interpretatur* [...] (*Candidi Vita Eigilis. Monumenta Germaniae Historica. Scriptores*, 15/1, p. 230).

¹⁰ MARAZZI, F. « San Vincenzo al Volturno. L'impianto architettonico fra VIII e XI secolo, alla luce dei nuovi scavi della *basilica maior* ». IN: DE RUBEIS, F.; MARAZZI, F. (Ed.). *Monasteri in Europa occidentale (secoli VIII-XI): topografia e strutture*. Rome, 2008, p. 323-390.

nhavam um grande pátio aproximadamente triangular (fig. 4): é possível que uma tal forma geométrica, mais ou menos visível sobre o terreno, revestia um sentido simbólico, à maneira do triângulo desenhado pelo vale no qual se instalariam os monges de Corvey, em Saxe, alguns anos mais tarde, cujo monge Pascasio Radbert fez uma figura da Trindade¹¹. Mas em *Centula/Saint-Riquier*, as escavações arqueológicas revelaram outro pátio, acoplado ao muro meridional da igreja principal, ainda que um *atrium* precedesse a entrada ocidental da igreja¹² (fig. 5). A organização espacial destes grandes mosteiros carolíngios, caracterizados por uma clausura, por pátios e galerias múltiplas pode ser colocada em relação com aquelas dos complexos palacianos, estruturados de maneira semelhante – em Paderborn, Ingelheim ou Aix-la-Chapelle¹³.



Figura 3 –

Reconstrução do complexo monástico de São Vicente em Voltone, na Itália Central, durante o século IX, de acordo com Federico Marazzi. Desenho de Simona Carracillo.

¹¹ *Vita Adalardi*, 66-67. IN: *Patrologia Latina*, 120, 1541-1542. Citado por ORSELLI, A. M. « I monaci e le valli : realtà quotidiane e immaginario per un sistema de comunicazione ». IN: *Le Valli dei Monaci. Atti del Convegno internazionale di studio, Roma-Subiaco, 17-19 maggio 2010*. ERMINI PANI, L. (ED.) t. 1, Spolète, 2012, p. 1-23. Em particular, p. 20.

¹² *Ibidem*.

¹³ *Ibidem*.



Figura 4 –

Gravura do complexo monástico de *Centula/Saint-Riquier*, de acordo com um desenho de Paul Petau, que reproduziu, em 1612, uma miniatura do século XI.

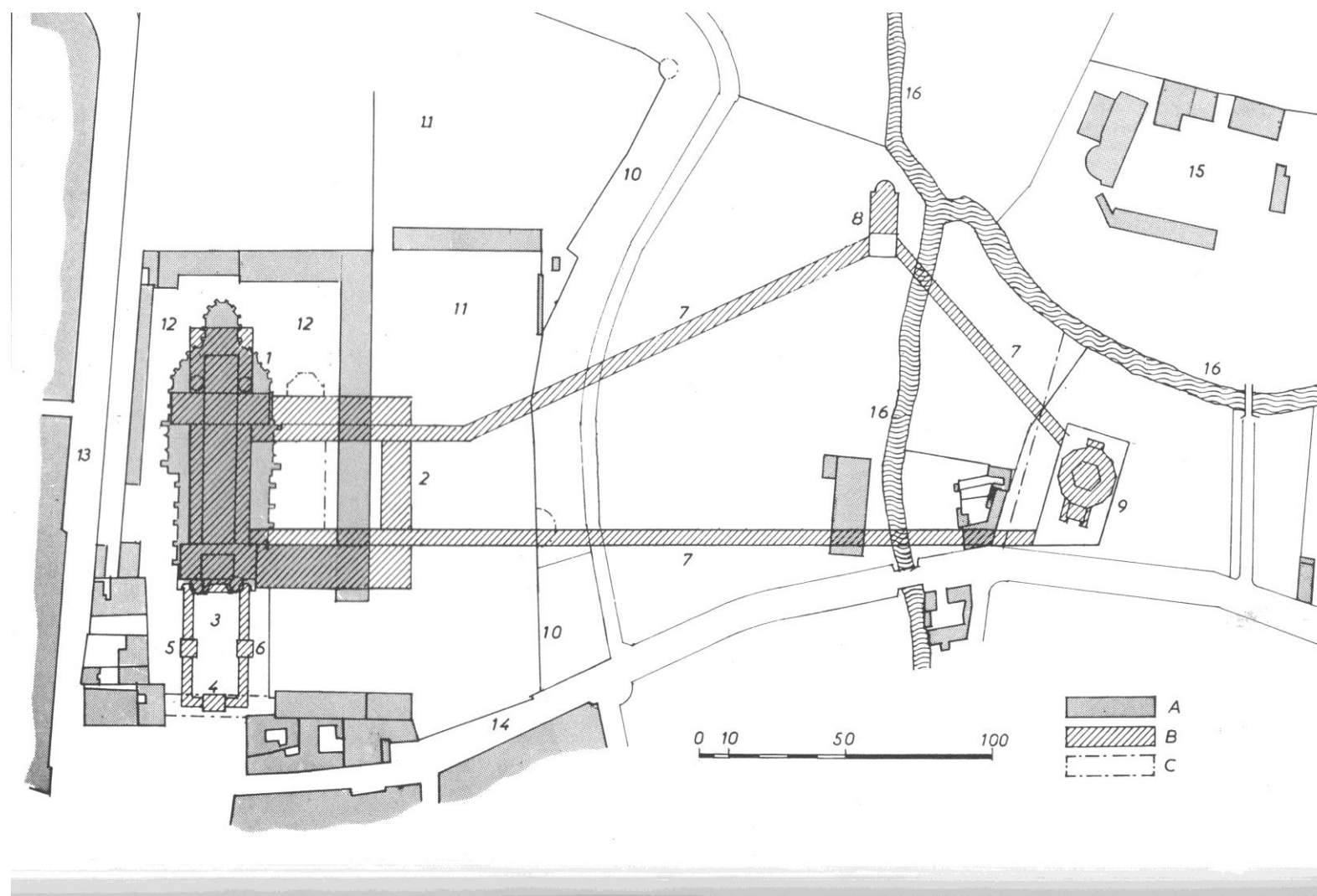


Figura 5 –

Reconstituição do mapa da abadia de Centula/Saint-Riquier por volta de 800, a partir de uma sobreposição de elementos representados no desenho de Petau e aqueles coletados na escavação (Cf. C. Heitz. *L'architecture religieuse carolingienne. Les formes et leurs fonctions*. Abbeville, 1980).

Outro tipo de dispositivo que previa uma distribuição dos primeiros edifícios comunitários em torno de um espaço *central e único*, foi igualmente imaginado e construído na época carolíngia. A primeira descrição conhecida de um tal dispositivo encontra-se em um texto inserido entre 834 e 845 na *Gesta* dos abades de Fontenelle, que narra as construções realizadas neste mosteiro sob o abaciato de Anségise (807-833). O autor dedica especial atenção à disposição da igreja abacial, do dormitório, do refeitório e de uma construção qualificada de *domus* onde os irmãos se reuniam:

Estes três notáveis edifícios estão assim dispostos: o dormitório apresenta um frontão ao Norte e outro ao Sul, tocando a basílica de São Pedro; o refeitório é orientado da mesma forma e quase toca, ao sul, a abside da basílica de São Pedro. A casa maior é implantada como dissemos. Quanto à Igreja de São Pedro, é situada ao Sul, ao Oriente. Ele a aumentou, na parte ocidental, à 30 pés de distância de largura e fez um novo andar que ele desejava consagrar a Deus e a nosso Salvador Jesus Cristo. Mas ali também, a obra ficou inacabada em razão de sua morte. Nesta mesma basílica de São Pedro, ele fez elevar ao cume da torre uma pirâmide em troncos de madeira de 35 pés de altura. Ele a fez cobrir de chumbo, estanho e de ouro e ali colocou três sinos. A obra precedente era muito modesta. Ele fez recobrir ao mesmo tempo a abside de telhas de chumbo. Depois, fez construir ao lado da basílica São-Pedro, na direção norte, um outro edifício (*domum*), que foi conveniente chamado de convento ou cúria (*conventus sive curiae*), conhecido em grego por *beleuterion*, pois é um lugar onde os irmãos se reúnem em conselho sobre todos os assuntos. É ali, no púlpito, que é dita a leitura divina cotidiana, ali que deliberamos sobretudo o que se sobressai de autoridade regular. Ele fez preparar ali sua tumba para que quando chegar ao fim sua vida presente, ele seja ali enterrado com os seus. Enfim, diante do dormitório, o refeitório e aquilo que chamamos de casa maior, fez construir uma bela galeria com muitos pés (*porticus honestas cum diversis pogis aedificari iussit*), e pôs no lugar um vigamento, prosseguindo-o pelo comprimento dos tetos de cada construção (*quibus trabes imposuit ac justa mensuram eorumdem tectorum in longum extendit*). Ao centro da galeria que se encontra diante do dormitório (*in medio autem porticus quae ante dormitorium sita videtur*), ele instalou o quarto (*domum cartarum*). Quanto ao lugar onde se conservam os livros copiados (*domum vero qua librorum copia conservaretur*), em grego *pyrgiscos*, ele o colocou diante do refeitório, mantendo as telhas com prego de ferro¹⁴.

A organização espacial assim descrita – uma grande corte delimitada por quatro edifícios comunitários desenhados de forma quadrangular – corresponde àquilo que denominamos um *claustro*. A descrição é clara e precisa, e pode-se estabelecer sem dificuldade, ao ler o texto, um esquema do complexo monástico de Fontenella (fig. 6). Este tipo de estrutura é atestada pela arqueologia a partir do

¹⁴ *Chronique des abbés de Fontenelle (Saint-Wandrille)*. Texto editado, traduzido e comentado por PRADIE, P. Paris, 1999: *Gesta Ansigisi*, em particular, p. 168-171.

século VIII, por exemplo, nas grandes abadias de Lorsh e de Reichenau¹⁵. Mas ela se reencontra igualmente nos estabelecimentos de tamanho modesto, como Hamage, onde uma clausura parece ter sido erigida no século IX¹⁶ (fig. 7).

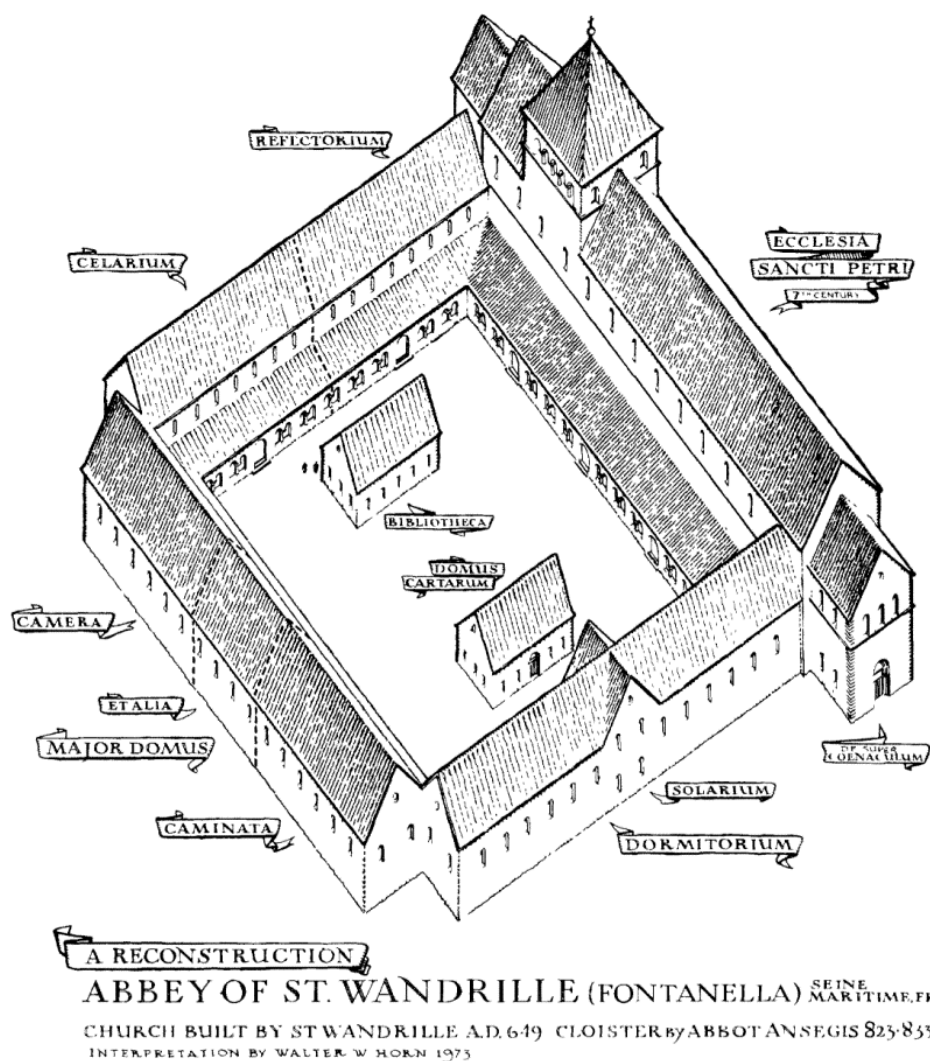


Figura 6 –

Proposta de restituição do complexo monástico de Fontenella a partir das *Gestas* dos abades de Fontenella. Segundo W. Horn. “On the Origins of the Medieval Cloister. *Gesta*, 12, 1973, p. 46.

¹⁵ Sobre Reichenau et Lorsch, ver: BRENK, B. « Il problema della struttura a quattro corpi (*claustrum*) nei conventi paleocristiani e altomedievali ». IN : EADEM, *Architettura e immagini del sacro nella tarda Antichità*, Spolète, 2005, p. 163-172; McCLENDON, C. *The Origins of Medieval Architecture. Building in Europe, A.D. 600-900*. New Haven - Londres, 2005, p. 152-153. Ver igualmente os estudos semelhantes no volume *Der mittelalterlicher Kreuzgang. Architektur, Funktion und Programm*, KLEIN, P.K. (ED.). Regensburg, 2004.

¹⁶ LOUIS, E. « *Sorores et fratres in Hamatico degentes*. Op. Cit. nota 6.

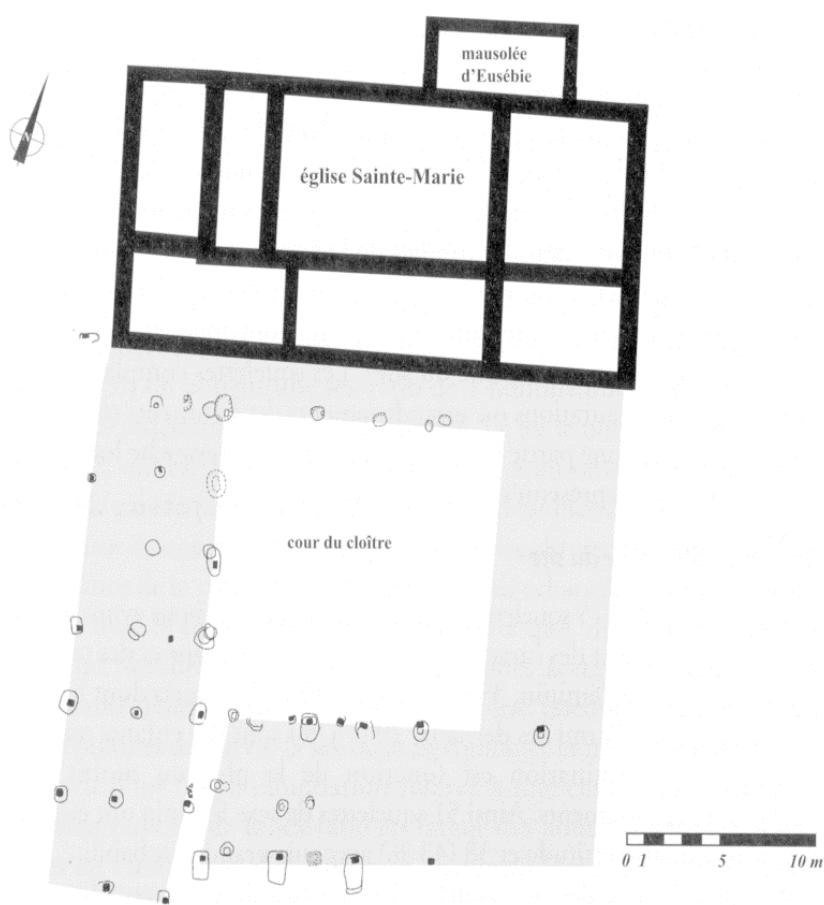


Figura 7 – Reconstituição de Étienne Louis do sítio monástico de Hamage no século IX: igreja Santa Maria e os edifícios sobre postes que designam um claustro (de madeira).

Nos primeiros decênios do século IX, a organização claustral encontra uma perfeita ilustração no documento tornado célebre, conhecido sob o nome de Plano de Saint-Gall¹⁷. Confeccionado por instigação do abade Heito no *scriptorium* do monastério de Reichenau, entre 816 e 837 (datas do abaciato em Saint-Gall de Gozbert, ao qual é dedicado), o Plano dito de Saint-Gall é um conjunto de cinco peças de pergaminho constituído de uma folha retangular de 112 x 77,5 cm que representa os quarenta e cinco edifícios de um complexo monástico, desenhados com tinta vermelha e acompanhados de mais de 330 legendas escritas com tinta negra, identificando as funções e às vezes o significado dos diferentes edifícios representados, dando inclusive as medidas da igreja (fig. 8).

¹⁷ O Plano está hoje conservado na Stiftsbibliothek de Saint-Gall, n° 1092. As publicações de referência são: HORN, W.; BORN, E. *The Plan of St. Gall. A Study of the Architecture and Economy of, and Life in a Paradigmatic Carolingian Monastery*. Berkeley - Los Angeles - Londres, 1979. Atualmente, o acesso é livre no site www.stgallplan.org. JACOBSEN, W. *Der Klosterplan von St. Gallen und die karolingische Architektur*. Berlin, 1992.

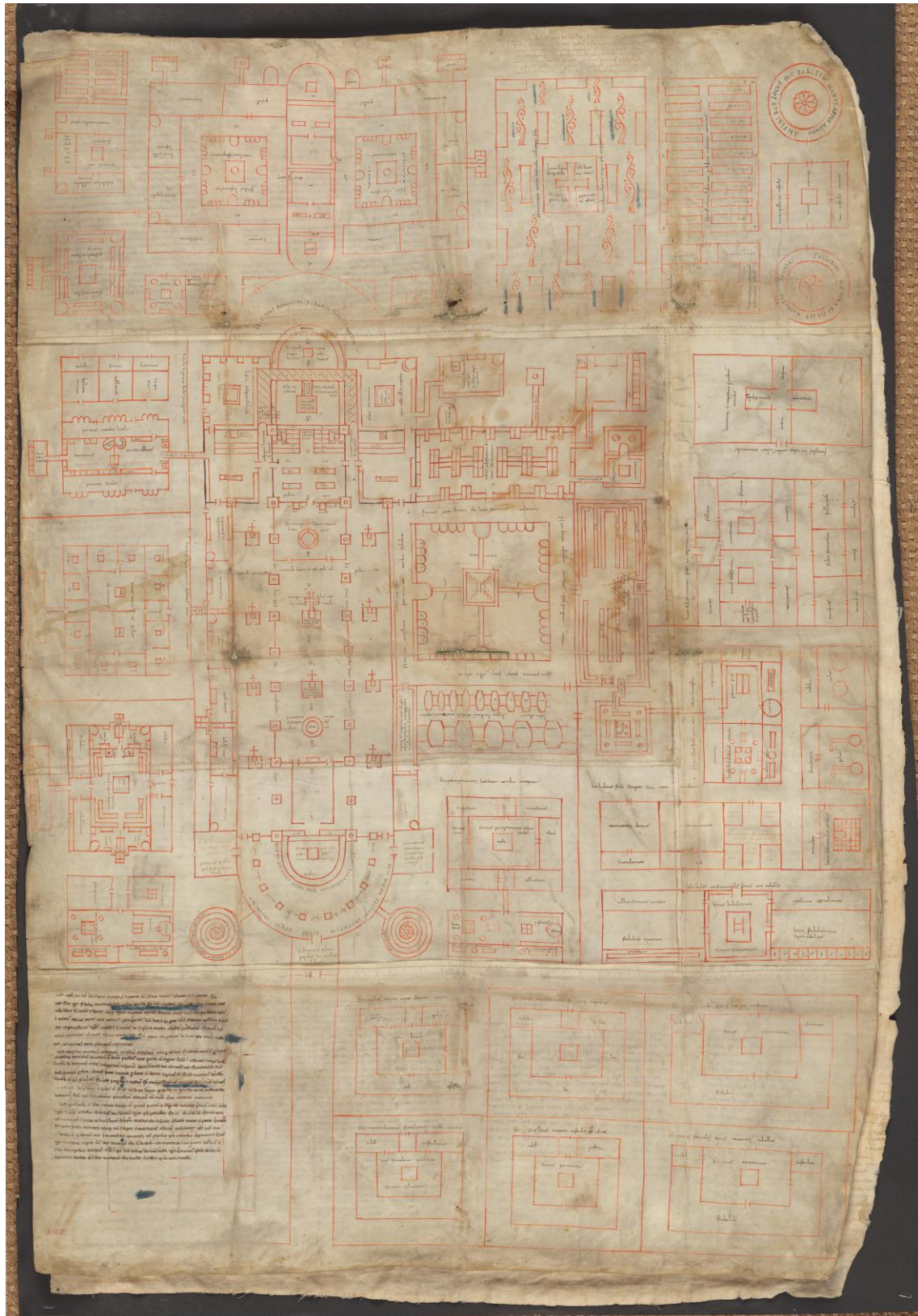


Figura 8 –
Planta de Saint-Gall, ms. Saint-Gall, Stiftsbibliothek 1092.

A planta de Saint-Gall não representa um mosteiro real; ela constitui mais um projeto arquitetural que as autoridades haviam desejado impor a todos os estabelecimentos religiosos do Império franco. É mais uma imagem ou um conjunto de imagens figurando uma lógica de organização espacial, cuja forma visual inspira-se em modalidades antigas de representação do espaço (espaço quadrilhado, ortogonal) que os monges carolíngios conheciam através dos tratados de arquitetura (Vitruve) e de *agrimensores* que copiavam nos *scriptoria* de seus estabelecimentos e conservavam em suas bibliotecas. A planta de Saint-Gall representa, de forma reunida, as funções e principalmente os lugares que pareciam necessários a um grande mosteiro imperial: alguns desses lugares eram indispensáveis à devoção e à vida comum dos monges, como a igreja e o cemitério, o refeitório e o dormitório, outros destinados aos noviços e aos irmãos doentes, mas também aos hóspedes prestigiosos que o mosteiro poderia receber, outros ainda ligados às atividades de produção, artesanato e de estocagem (fig. 9).

A presença, intermitente no mosteiro, de hóspedes de alto nível, aquela cotidiana de membros da *familia* monástica, encarregados do provimento da comunidade, da transformação dos produtos e da gestão dos excedentes, ou ainda aquela regular de peregrinos frequentando certas partes da igreja abacial, tornava fortemente permeável a fronteira entre o mosteiro e seu entorno laico. Nesta perspectiva, Richard E. Sullivan fez da planta de Saint-Gall o testemunho de uma mudança de paradigma no monaquismo ocidental: a partir da época carolíngia, o mosteiro seria caracterizado por uma abertura ao mundo exterior, senão uma inserção deste mundo no seio do complexo monástico¹⁸.

Sem dúvida, é tal abertura que explica em parte o planejamento de lugares reservados no coração do mosteiro. No centro do desenho feito em Reichenau se encontram, com efeito, a grande igreja e, sobre o flanco meridional desta, a clausura que a religa aos edifícios comunitários: dormitório (*dormitorium*), refeitório e cozinha (*refectorium et coquina*), cela (*cellarium*), são os lugares destinados exclusivamente aos religiosos. Percorrida, ela própria, por caminhos (que, segundo a legenda, parecem ter lhe dado forma: *quattuor semitae pertransversum claustrum*), a clausura materializa (e monumentaliza) os deslocamentos que constituem o espa-

¹⁸ “A mensagem central da Planta é um chamado a todos os interessados a procurar maneiras de dar ordem e estrutura para um espaço no qual o sagrado e o profano devem se cruzar para que cada um possa sustentar o outro”. (SULLIVAN, R. E. “What Was Carolingian Monasticism? The Plan of St Gall and the History of Monasticism”. IN: MURRAY, A. C. (Ed.). *After Rome's Fall. Narrators and Sources of Early Medieval History. Essays presented to Walter Goffart*. Toronto - Buffalo - Londres, 1988, p. 251-287, em particular, p. 283). R.E. Sullivan pensa que um tal modelo monástico rompe com a situação anterior: “Antes da do período Carolíngio, um mosteiro era percebido como um enclave isolado fora da comunidade cristã maior, uma ilha onde as pessoas abriam caminho para a perfeição, livre de relações com o mundo, que foi irremediavelmente corrupto e corruptor”(p. 293). Parece-me que nossos conhecimentos sobre a organização espacial do monaquismo na Antiguidade Tardia e Alta Idade Média são muito fragmentários para poder afirmar a ruptura absoluta que representou, na época carolíngia, a inserção do mundo exterior no seio do complexo monástico.

ço do mosteiro reservado aos irmãos (fig. 10). De maneira geral, os acessos, entradas e saídas, e os caminhos são sistematicamente revelados nas legendas que acompanham os desenhos.

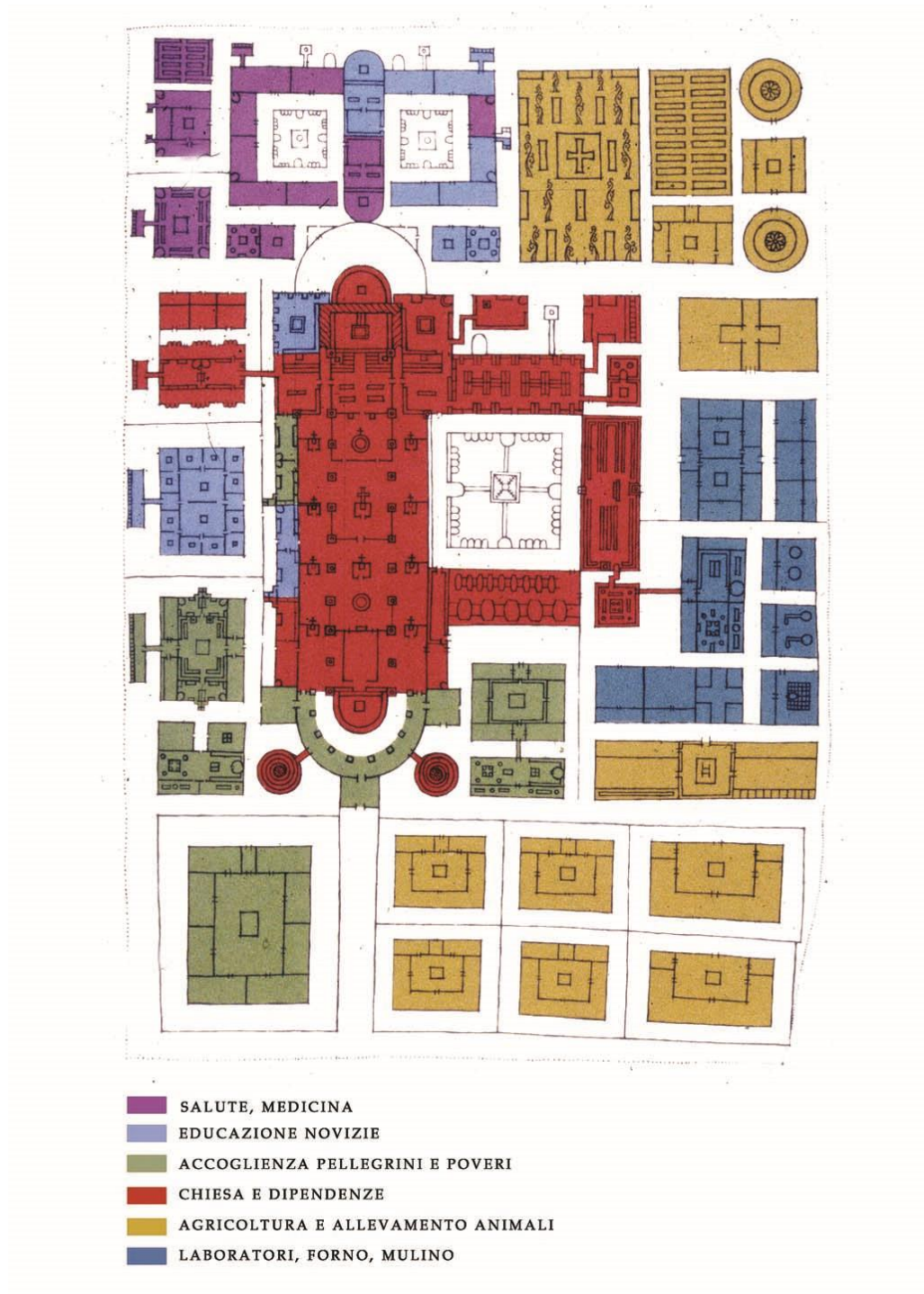


Figura 09 –

Desenho que reproduz a planta de Saint-Gall, com indicação dos diferentes setores funcionais (Cf. K. KRÜGER. *Ordini religiosi e monasteri. 2000 anni di arte e cultura cristiana*. Milano, 2007).

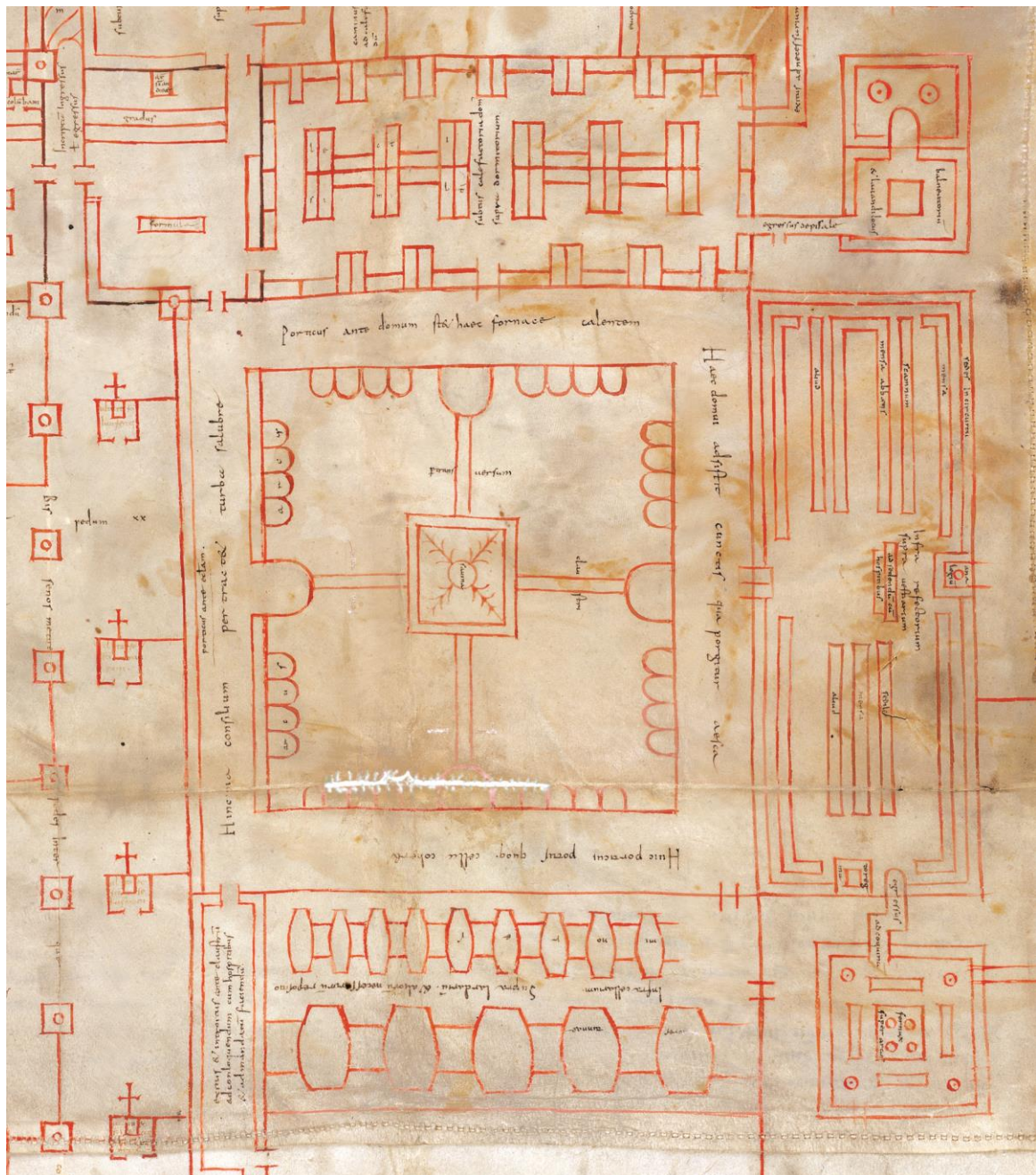


Figura 10 –

Planta de Saint-Gall, ms. Saint-Gall, Stiftsbibliothek 1092. Detalhe: o claustro.

A polarização de grandes conjuntos monásticos em torno de um claustro, atestada pela descrição da Abadia de Fontenelle e da planta de St. Gall representou, no século IX, uma das possíveis configurações espaciais para as instituições religiosas. Por volta de 840, o monge Brun Candidus narra que ao final do abaciado de Eigil (morto em 822), houve no monastério de Fulda muitas discussões sobre a construção e a localização de uma nova clausura:

O homem venerável (Eigil) havia pensado em construir novamente a clausura do monastério (*claustrum monasterii*). Ele requisita então o conselho dos irmãos. Ele lhes pergunta em qual localização seria preferível construir a clausura. Alguns aconselham a construir sobre o flanco meridional da basílica, da mesma forma que o precedente; mas outros afirmam que seria melhor colocar do lado ocidental, segundo o costume romano, em razão da proximidade do corpo do mártir que repousa nesta parte da basílica. Os irmãos deram seu consentimento a esta proposta, e mesmo aqueles que tinham outra opinião assim consentiram. Todos como se fossem um, o trabalho foi iniciado segundo a medida: a terra foi cavada e eles colocaram as fundações desta obra mestra¹⁹.

A organização dos complexos monásticos é objeto de reflexões e de realizações diversas, mas manifestam uma “racionalidade monástica” no sentido weberiano que permitia aos religiosos ordenar e articular os lugares que frequentavam. Concebido em um tal contexto, o sistema claustral, caracterizado pela polarização dos edifícios monásticos em torno de uma clausura, se impôs progressivamente em todo o Ocidente. O mosteiro de Cluny apresenta assim, no século XI, um dispositivo realmente similar àquele representado pela Planta de Saint-Gall: o *claustrum*, ladeado da igreja abacial e dos edifícios comunitários, é tanto o lugar central quanto o espaço mais fechado do mosteiro, tanto que os outros grupos de edifícios formam uma coroa em sua periferia²⁰.

A estruturação do mosteiro em um conjunto de lugares hierarquizados é um pouco contemporânea à difusão e imposição da Regra de São Bento no Império Carolíngio. Contudo, esta Regra não definia rigorosamente a organização topográfica: a ausência de normas precisas relativas ao planejamento dos complexos monásticos revela que melhor do que saber qual o ponto de estabelecimento destes conjuntos, eles são resultado de uma construção social complexa, característica da história do Ocidente medieval. De resto, depois da época carolíngia, outras formas de comunidades, como as vilas, construíram mecanismos seme-

¹⁹ *Candidi Vita Eigilis. Monumenta Germaniae Historica. Scriptorum*, 15/1, p. 231.

²⁰ BAUD, A. ; ROLLIER, G. « Liturgie et espace monastique à Cluny à la lecture du *Liber tramitis*, ‘de descriptione monasterii’ et données archéologiques ». IN: BAUD, A. (dir.). *Espace ecclésial et liturgie au Moyen Âge*, Lyon, 2010, p. 27-42.

lhantes de polarização do espaço social, dando nascimento a uma pluralidade de “pequenos mundos”, segundo expressão utilizada por Wendy Davies²¹, bem diferentes das instituições sociais e políticas do mundo antigo. Os mosteiros foram de fato os laboratórios das representações e dos usos espaciais dos homens na Idade Média.

INTERIORA e EXTERIORA: O mosteiro como estrutura territorial

1. A gestão de terras “exteriores”

Na época em que se esforçaram para organizar, descrever e colocar em imagens a topografia de seus estabelecimentos, definindo assim modelos de espaço comunitário, os religiosos do Ocidente começaram igualmente a colocar em ordem e a gerir melhor suas possessões, essencialmente terras e direitos sobre os homens que as trabalhavam. A amplitude destas possessões era considerável²². Também sua gestão se mostrava perigosa, na medida em que ameaçava o ideal de uma vida retirada, consagrada à oração.

Vimos que os raros pontos da Regra de São Bento relativos à organização espacial do mosteiro (para manter a unidade do uso do termo que tem sido traduzido ao longo do capítulo por mosteiro ao invés de monastério) concernia ao seu claustro. Os sínodos reunidos em 816 e 817 em Aix-la-Chapelle, cujas decisões são retomadas em uma “capitular monástica” elaborada por Bento de Aniane (morto em 821), reafirmam a necessidade de uma clausura, a despeito da posseção pelos monges de múltiplos domínios, às vezes distantes de sua casa. Foi então recomendado aos religiosos de “não circular de um domínio a outro, a menos que a necessidade os obrigasse”; convinha mesmo “não confiar os domínios à guarda dos monges”²³. Cortado da sociedade circundante, o mosteiro deveria, segundo a Regra de São Bento, “tanto quanto possível”, “estar localizado de tal modo que fosse possível nele encontrar todo o necessário: água, um moinho, um jardim e oficinas para que pudesse praticar diversos ofícios no interior do monastério (*intra monasterium*)”. Assim, “os monges não teriam, então, necessidade de

²¹ DAVIES, W. *Small Worlds. The Village Community in Early Medieval Brittany*, Londres, 1988.

²² Geralmente, se admite que os estabelecimentos eclesiásticos contavam com os maiores domínios de terras. Ver: HERLIHY, D. Church Property in the European Continent. *Speculum*, 36/1, 1961, p. 81-106; DEVROEY, J-P. *Économie rurale et société dans l'Europe franque (VI^e-IX^e siècles)*. Paris, 2003, p. 286-288.

²³ *Ut uillas frequenter et nisi necessitas coegerit non circumeant neque suis illas monachis custodiendas committant. Et si eos ire ad eas necessitas fuerit expleto necessitatis negotio ad sua mox monasteria redeant* (*Legislatio Aquisgranensis : Synodi primae Aquisgranensis decreta authentica*, 23 août 816, c. 24. *Corpus Consuetudinum Monasticarum*. dir. K. HALLINGER, vol. 1 Siegburg, 1963, p. 464). *Regula s. Benedicti Anianensis*, c. 20. *Corpus Consuetudinum Monasticarum*, 1, p. 521 ; *Capitulare Monasticum*, c. 26. *MGH. Capitularia regum*, 1, p. 345; *Collectio capitularis Benedicti Levitae*, c. 26. *Corpus Consuetudinum Monasticarum*, 1, p. 548).

se dispersar para fora (*foris*)²⁴. Nos primeiros decênios do século IX, a planta de Saint-Gall constitui o primeiro documento que explicita e demonstra a presença *intra monasterium* de todas as funções e de todos os edifícios – notadamente as oficinas de produção e de transformação – próprias para assegurar a autonomia dos “pequenos mundos” monásticos.

A oposição *intra/foris*, ligada à clausura, refere-se à necessidade de articular o ofício dos monges no seio do complexo claustral e à valorização das terras circundantes relevantes à sua jurisdição. As “coisas do exterior” estavam confiadas aos religiosos experientes. Foi o caso para Jean de Gorze (morto em 974), cujo biógrafo – que conhecia visivelmente a legislação de Bento de Aniane – explica que, reticente em visitar as possessões distantes de seu estabelecimento, gerenciava-os desde seu mosteiro, convocando e dando as ordens aos agentes, aos *ministri*, provavelmente laicos. E “quando um motivo mais importante fazia-o sair ou a necessidade obrigava-o a ficar no lugar para regradar uma situação, depois de se apressar para resolver a questão o mais rápido que podia, ele voltava rapidamente ao mosteiro sem sequer ter tempo de comer”²⁵. A propósito de outro abade, Anstée de Saint-Arnoul de Metz, o mesmo autor sublinha que “embora estivesse ocupado com uma constante preocupação com os negócios exteriores (*res extra*), jamais perdeu de vista o que tocava à pureza da vida e de seu comportamento ou a vigilância bem entendida da função abacial”: todo cuidado apresentado pelo abade “em construir o interior” (*interioribus extruendis*) participava desta função”²⁶.

Fazendo apelo a agentes laicos para se ocupar dos *exteriora*, os monges recorriam também às novas ferramentas de gestão dominial, fundadas sobre o uso da escrita e a confecção de listas: cartas e polípticos surgem, com efeito, nos séculos VIII e IX. Muitos historiadores mostraram que a estrutura destes inventários, que fazem a declaração de terras e direitos possuídos pelos mosteiros, retomam uma representação concêntrica destas possessões, dispostas em torno de um centro, exigindo dos monges escribas e administradores uma deambulação mental de uma possessão a outra, partindo do centro para a periferia (fig. 11)²⁷.

²⁴ *Regula Benedicti*, c. 66.

²⁵ JEAN DE SAINT-ARNOUL. *La Vie de Jean, abbé de Gorze*. Apresentação e tradução de M. PARISSE. Paris, 1999, p. 114-115.

²⁶ *Idem*, p. 96-99.

²⁷ DEVROEY, J-P. *Puissants et misérables, Système social et monde paysan dans l'Europe des Francs (VI^e-IX^e siècles)*. Bruxelles, 2006, p. 591-600.

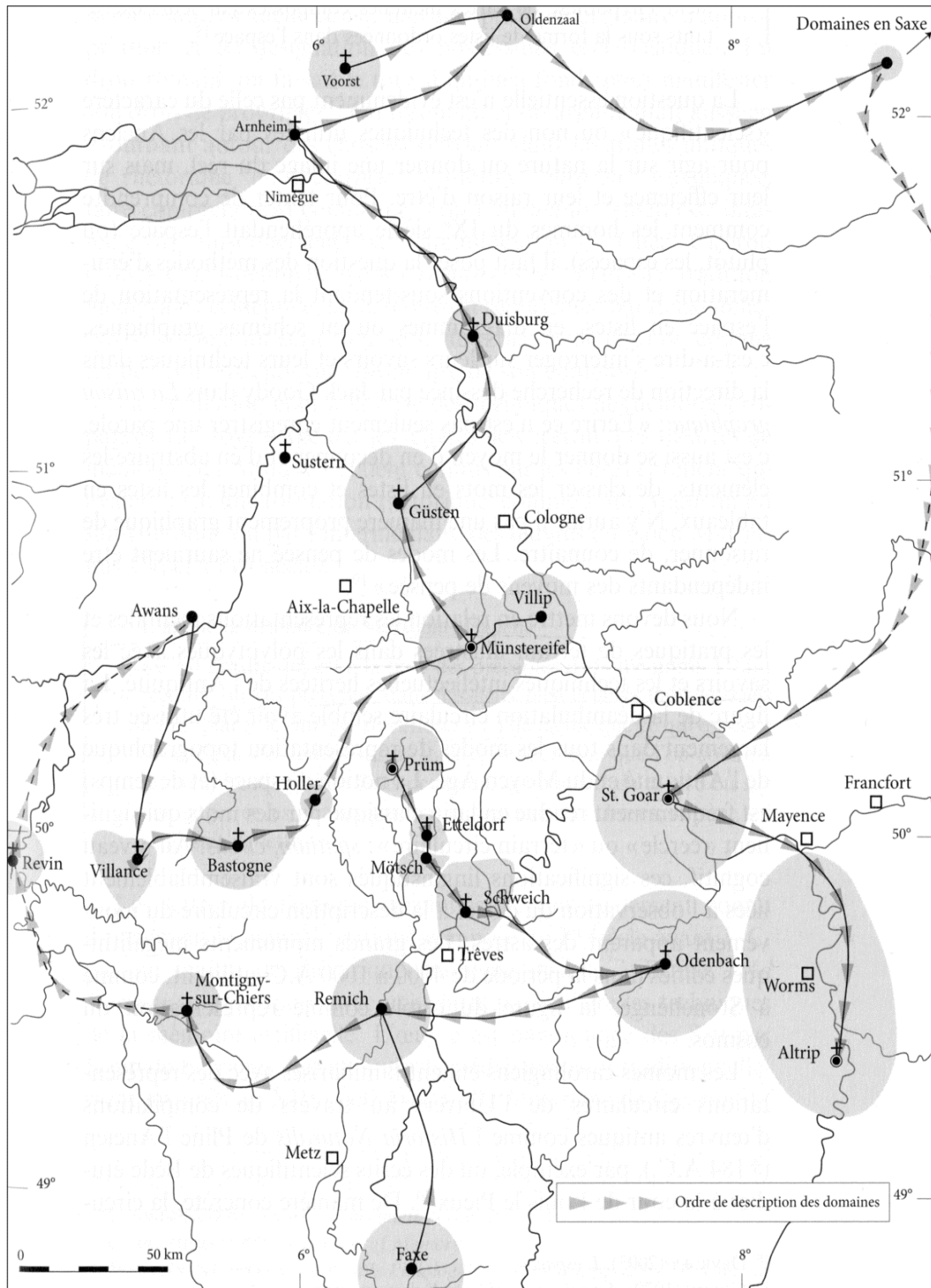


Figura 11 –

A ordem de descrição dos domínios da abadia de Prüm, segundo o políptico (893): a descrição parte do centro monástico e se estende progressivamente, de forma circular, no sentido horário. Mapa estabelecido por J-P. DEVROEY. *Puissants et misérables. Système social et monde paysan dans l'Europe des Francs (VIe. – IXe. Siècles)*. Bruxelles, 2006, p. 593.

Os *Estatutos* (traduzi porque abaixo vem traduzido) redigidos em 822 no seio do grande mosteiro carolíngio de Corbie, sob o abaciato de Adalhard, descreve a arrecadação e o transporte do produto das esmolas ao centro abacial, sobretudo de cereais, tomados sobre as terras monásticas²⁸. Os frutos da arrecadação do décimo da produção era destinada à “porta” do mosteiro: a “porta” era um lugar, ponto de contato entre o interior e o exterior, mas também um serviço, encarregado da distribuição aos pobres e da acolhida dos hóspedes. Os *Estatutos* determinavam que a avaliação da produção agrícola submetida à arrecadação do dízimo deve ser feita, campo por campo, por “homens” eleitos de cada vila, encarregados de velar para que não existisse nenhuma fraude. O texto evoca principalmente os problemas postos pelo transporte de produtos agrícolas provenientes de vilas muito distantes do mosteiro:

[...] Se não há possibilidade para os dependentes (*família*) transportarem o dízimo em razão da distância, deve-se encontrar uma solução, com a ajuda de Deus, para que o produto do dízimo não permaneça no lugar e que não seja assim cometido pecado contra os pobres; deve-se encontrar uma solução através da inspiração divina afim de não se perder todo o fruto do trabalho produzido em lugares tão distantes que tornam impossível a entrega dos feixes e do feno (ainda que os grãos possam ser transportados); não se deve sobrecarregar os dependentes e nem suprimir o dízimo [...].

De tais considerações retornamos à representação que os monges faziam de suas possessões fundiárias, do distanciamento destes e da dificuldade de gerir os deslocamentos (de monges, de dependentes, de oficiais) entre o “interior” e o “exterior”. Para regradar esses problemas, o abade Adalhard havia iniciado um sistema de associação e de compensação entre umas vinte vilas, segundo o qual os lugares mais próximos da abadia davam o dízimo aos mais distantes, os primeiros estando em seguida exonerados do cento, enquanto que os segundos pagavam um cento suplementar, correspondendo ao montante daquele que havia dado por eles:

[...] Em função do tamanho das vilas e da quantidade de cereais produzido cada ano, não é, talvez, inoportuno que as vilas mais próximas do monastério deem um dízimo dobrado, o que permitiria evitar tanto a diminuição do produto do dízimo quanto o sofrimento dos dependentes. Mas para que tudo isto não fique obscuro e para explicitar a finalidade, é necessário nomear as diferentes vilas entre aquelas que se pode estabelecer sem pena este tipo de troca.

²⁸ *Consuetudines Corbeienses*, título *De porta et decimis*. SEMMLER, J. (ED.) *Corpus Consuetudinum Monasticarum*, dir. K. HALLINGER, t. 1, Siegburg, 1963, p. 355-422

Na sequência, um inventário de duplas de aldeias concernentes. Os *Statuts* de Corbie previam que a contabilidade ligada a este sistema complexo de arrecadação de dízimos fosse colocado por escrito (operação realmente possível no quadro de um grande monastério carolíngio) e verificado pelos representantes de cada vila.

2. Em direção a uma inclusão das “coisas do exterior”

Nesta perspectiva de oposição/articulação entre *interiora* e *exteriora*, as “coisas do interior”, que correspondiam ao espaço fechado, eram consideradas como “coisas sagradas”, tanto que as “coisas do exterior”, situadas para além da clausura, remetiam ao mundo profano. Pelas práticas da observação ou mesmo de meditação que favorecia, a Planta de Saint-Gall, onde não havia figurado senão os *interiora*, os edifícios representados tinham uma forma de sacralidade que havia sido até então mais associada aos lugares de culto. De resto, durante as décadas de concepção dessa Planta, foi igualmente elaborado um ritual de “benção” destinado a marcar os edifícios constitutivos do espaço claustral: os sacramentários carolíngios pareciam preces de bênçãos destinadas a serem ditas durante as procissões organizadas no seio dos “lugares regulares”: igreja, dormitório, refeitório, cela e reservas, cozinha, oficina de escrita, enfermaria ...²⁹. Os costumes monásticos do século XI, aqueles de Cluny por exemplo, prescreviam tais procissões, durante as quais o conjunto da comunidade perambulava pelo seio da clausura e de edifícios anexos, parando em diferentes edifícios para ali orar³⁰. Valorizando o conjunto dos edifícios incluídos no espaço fechado, a liturgia favorecia assim um tipo de difusão do sagrado, que realizava de alguma forma o princípio exposto nas Regras monásticas, particularmente aquela de São Bento, segundo a qual todos os bens situados no *interior do claustro monástico* deveriam ser considerados da mesma maneira que “os vasos sagrados do altar”³¹.

²⁹ *Orationes ab benedicenda loca regularia in monasteriis*, preces proveniente dos sacramentários antigos, particularmente o sacramentário gelasiano do século VIII chegou até os sacramentários do século IX por intermédio de Bento de Aniane, ver: DESHUSSES, J. *Le sacramentaire grégorien. Ses principales formes d'après les plus anciens manuscrits*, t. 3. Fribourg, 1992, n° 496, p. 239-245, também o n° 497, p. 245-246, 498, p. 246, 499, p. 246, 500, p. 247.

³⁰ BAUD, A.; ROLLIER, G. « Liturgie et espace monastique à Cluny », Op. cit. nota 20.

³¹ *Regula Benedicti*, 31, 10. Sobre os bens sagrados do mosteiro, ver: TONEATTO, V. *Les Banquiers du Seigneur. Évêques et moines face à la richesse (IV^e-début IX^e siècle)*. Rennes, 2012, p. 247-253.

Mas o processo de sacralização rapidamente passou a referenciar o conjunto dos domínios monásticos, em particular as terras situadas “ao exterior”, isto é, além da clausura ou da zona circundante ao monastério, a qual também era beneficiada com a imunidade. Na segunda metade do século XI, a Regra de São Bento foi de longe uma das autoridades invocadas por um certo número de

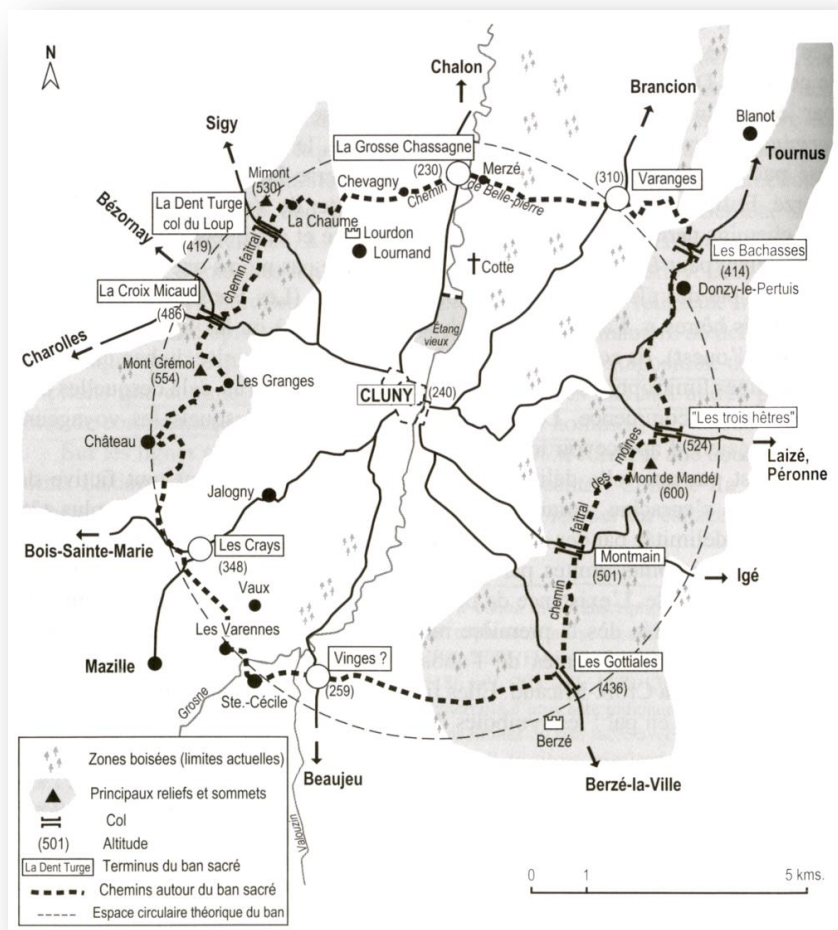


Figura 12 –

O “ban sagrado” delimitado pelo papa Urbano II em torno da Abadia de Cluny em 1095. Cf. D. MÉHU. *Paix et communautés autor de l’abbaye de Cluny, Xe.-XVe. Siècle*. Lyon, 2001, p. 164.

qualquer prejuízo que fosse às “coisas santas: não somente as coisas interiores, mas também as exteriores” (*sancta non solum interiora sed etiam exteriora*)³⁴.

³² Placide de Nonantola, *Liber de honore ecclesiae*, cap. 149, *MGH. Libelli de lite*, 2, p. 633-634.

³³ Placide de Nonantola, *Liber de honore ecclesiae*, cap. 52, p. 589.

³⁴ *Collectio canonum in v libris*, lib. 3, cap. 148.

clérigos reformadores para afirmar o caráter “sagra-do” do conjunto das possessões dos monges – lugares de culto, vasos e ornamentos litúrgicos, terras e outros dependentes – em virtude do fato que “tudo o que a Igreja possuía era sagrado” (*sacra esse universa, quae ecclesia possidet*)³². As “coisas exteriores da Igreja” (*exterior res aecclesiae*) eram,

a partir de então, “consagradas a Deus”³³; convinha, portanto, não trazer

A sacralização das terras monásticas que circundavam o centro abacial foi ritualmente construída e solenemente posta em cena, como em 1095, quando o Papa Urbano II delimitou um “ban sagrado” (*sacer bannus* ou *sacratus bannus*) em torno de Cluny, no mesmo momento em que era consagrada a grande igreja abacial ainda em reconstrução³⁵ (fig. 12). Esta articulação entre consagração da igreja abacial e a delimitação do território circundante ao monastério, qualificado de “sagrado”, é atestada por vários complexos monásticos entre o fim do século XI e o XII³⁶. O polo sagrado era de toda forma transformado em território santo.

Esta nova concepção da espacialidade monástica, incluindo (ou articulando) as possessões fundiárias dos monges, provocou a compilação de todos os atos escritos que documentavam estes domínios sob a forma de cartulários, o que contribuiu tanto para imobilizar, quanto territorializar os direitos dos religiosos³⁷, ao mesmo tempo que aparece um gênero novo, que ilustra por exemplo a planta da abadia alsaciana de Marmoutier confeccionada em meados do século XII (fig. 13)³⁸. Conhecida através de várias cópias modernas, esta planta, que associa elementos geométricos, figuras e escritas, é constituída de três espaços encaixados. Um primeiro retângulo, no centro da página, inclui quatro figuras de lugares de culto (a igreja abacial, com um maciço ocidental com duas torres e uma porta de grandes dimensões que parece ser tanto aquela da igreja quanto aquela do claustro monástico, uma igreja paroquial e duas capelas), assim como elementos vegetais (vinha e árvore?) e um círculo (poço ou cisterna?), que remetiam ao espaço monástico fechado. O retângulo central está inscrito no interior de um losango, onde dezesseis edifícios cada um identificado por uma legenda representam os domínios da “marcha” de Marmoutier, zona privilegiada, próxima ao monastério, onde os monges detinham a maioria dos direitos sobre as terras e os homens. Este losango é por sua vez inscrito no seio de um grande retângulo que compreende, nos ângulos, triângulos percorridos por um texto fazendo o inventário das possessões mais distantes do monastério. A planta distingue e representa assim, geograficamente, três zonas: o sítio monástico (aquele ao qual se reduzia o Plano de Saint-Gall), a “marcha” (que corresponde ao que os cluniacenses chamavam

³⁵ ROSENWEIN, B. *Negotiating Space. Power, restraint and privileges of immunity in early medieval Europe*. Ithaca, 1999; MÉHU, D. *Paix et communautés autour de l'abbaye de Cluny, X^e-XV^e siècle*, Lyon, 2001.

³⁶ MAZEL, F. *Lieu sacré, aire de paix et seigneurie autour de l'abbaye de Saint-Gilles (fin IX^e - début XIII^e siècle)*. *Cahiers de Fanjeaux*, 46 (*Lieux sacrés et espace ecclésial, IX^e-XV^e siècle*), 2011, p. 229-276.

³⁷ CHASTANG, P. *Lire, écrire, transcrire. Le travail des rédacteurs de cartulaires du Bas Languedoc (XI^e-XIII^e siècle)*. Paris, 2001.

³⁸ PERRIN, CH-E. *Essai sur la fortune immobilière de l'abbaye alsacienne de Marmoutier aux X^e et XI^e siècles*. Strasbourg, 1935; KLEINE, U. *Die Ordnung des Landes und die Organisation der Seite. Konstruktion und Repräsentation ländlicher Herrschaftsräume im vorkartographischen Zeitalter (Elsass, 12. Jahrhundert)*. IN: MICHALSKY, T. ; SCHMIEDER, F. ; ENGEL, G. (Ed.). *Aufsicht – Ansicht – Einsicht. Neue Perspektiven auf die Kartographie an der Schwelle zur Frühen Neuzeit*. Berlin, 2009, p. 229-261.

de o “ban sagrado”), as possessões periféricas. A planta de Marmoutier permanecia uma figura abstrata, tornando homogêneas zonas que não eram de forma alguma na realidade, tanto que o inventário de terras do qual derivava, compreendia ao mesmo tempo as possessões que os monges do século IX tinham detido (depois perdidas) e os domínios adquiridos no século XI ou XII: parece então um quadro fortemente idealizado do monastério e de seus bens.

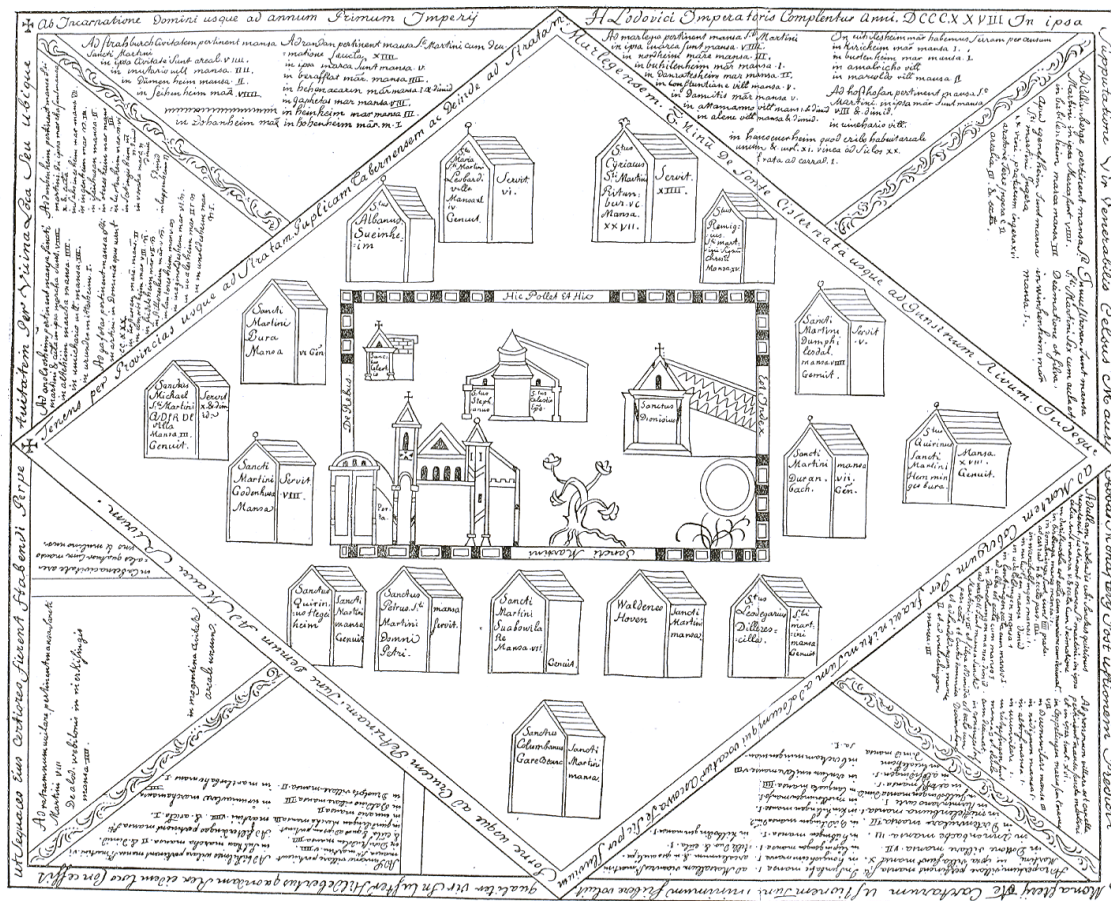


Figura 13 –

mapa-planta de Marmoutier (vers 1142), cópia século XVIII. Reproduzida por C.-E. Perrin, *Essai sur la fortune immobilière de l'abbaye alsacienne de Marmoutier aux X^e et XI^e siècles*, Strasbourg, 1935, p. 8*

Os monges da Alta Idade Média experimentaram formas de vida comunitária e fizeram de seus estabelecimentos complexos de lugares hierarquizados e polarizados, instituindo um tipo de estrutura espacial que deveria, em seguida, se impor a outros “pequenos mundos” depois. Em torno dos centros monásticos,

organizaram seus domínios, ao colocar no lugar redes de circulação e de trocas, assim como zonas de dominação cada vez mais homogêneas que constituíram as primeiras manifestações de um processo de territorialização que iria se generalizar. Assim, os complexos monásticos representaram um tipo de paradigma do espaço social no Ocidente Medieval.

Artigo recebido em 29 de setembro de 2014.

Aprovado em 10 de novembro de 2014.